

V O G L I O V E D E R E
L E M I E M O N T A G N E

emanuel dimas de melo pimenta
1 9 9 9 9

título: VOGLIO VEDERE LE MIE MONTAGNE

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 1999

Arte, filosofia, estética, música

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizado com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meio, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

Toda a existência concreta implica uma natureza dualista.

Assim, a luz implica a não luz, a existência a não existência, o som implica o silêncio, a vida traz em si a morte.

Nada pode existir, na sua máxima concretude, sem uma tal natureza oxímórica.

Por isso, também, apenas nos conhecemos em *situações limite*. Descobrimos o quanto amamos no momento em que não mais temos a pessoa amada. Percebemos o que temos quando não mais temos.

Toda a descoberta, todo o maravilhamento, é, em algum sentido, uma *situação limite*, um salto no futuro, rompimento com o passado.

O clássico pensamento Socrático – quanto mais sei, mais sei que nada sei – revela uma tal natureza de permanente conflito.

Essa natureza é especialmente cara à tradição Indiana, para a qual *maya* – que originalmente lança as suas raízes no Indo Europeu **ma* – transformará o seu sentido original de *medida* para o de *ilusão* com a tradição Vedanta já no século VIII.

Voglio Vedere Le Mie Montagne é uma reflexão sobre essa natureza conflituosa.

Esse é o seu objecto primeiro, revelando-se, de certa forma, uma obra *total*. Na verdade *quase total* – mesmo porque a *totalidade*, no seu sentido concreto, é uma aspiração impossível.

Assemelha-se, num certo sentido, à ideia de obra total que foi tão popular nos anos 1980.

Mas, aqui, não é um evento que traz para um lugar específico uma série de componentes que operam em função de um centro único, de um espectáculo. Ao contrário, trata-se de uma verdadeira explosão de eventos acerca de um sistema de ideias.

Uma explosão no tempo e no espaço.

Voglio Vedere Le Mie Montagne é um mais que um concerto, que inicia no dia treze de Maio de 1999, em Bolognano, e termina no mesmo local, em trinta de Outubro do mesmo ano.

Esse sistema de ideias é composto por fotografias a cores, uma série de imagens digitais abstractas, fotografias digitais em preto e branco, um concerto musical acústico, dois concertos digitais, um concerto digital electroacústico, três breves textos, uma instalação digital e um cd-rom.

A questão central é o conflito entre elementos oxímóricos – a natureza de toda a existência concreta. Ou seja: a fronteira de tais conflitos.

Os limites de nossa percepção e significação daquilo a que compreendemos como *realidade* concreta.

Tudo gira em torno de Bolognano.

As fotografias a cores, que são cerca de trezentas, constituem um estudo sobre os espaços de Bolognano – uma pequena aldeia medieval, com mais de mil anos, toda construída em pedra sobre um majestoso desfiladeiro.

A primeira questão é a do conflito entre o humano e o natural.

Até onde vai a *escritura* humana, e onde tem início a natureza. Paredes, detalhes, cores, tubos, fios, cores. As imagens se desenrolam evidenciando alguns níveis implícitos: o diagrama, o objecto e a natureza que distorce penetrando em tudo.

Em Bolognano não se pode conhecer com precisão onde inicia e onde termina a Natureza.

As suas paredes, feitas com mãos humanas, também revelam as profundas marcas do tempo. Nelas, há a cor da pedra, dos ventos, das chuvas, dos insectos, dos incontáveis dias e horas e séculos.

Mas, a fotografia é também uma *escritura* do olhar, que implica um diagrama sensível, lançando-nos ao universo de Atget, para o qual o ser humano, ausente, mostra-se enquanto profundo sentido de humanidade, no olho do fotógrafo e na escritura humana da construção espacial.

A partir desse trabalho fotográfico, tomado como matriz, foi elaborada uma série digital de imagens abstractas – totalizando cerca de duzentas – estabelecendo uma nova fronteira, entre o puramente abstracto e o aparentemente figurativo.

Formas e cores sem uma aparente relação com coisas existentes, sem aparente relação com a sua origem.

Nesse segundo nível de questionamento, quando se parte de uma a outra realidade, da sua matriz, esta última, pretensamente concreta, passa a revelar um novo grau de abstracção: o percurso geométrico a que pertence o lugar.

Uma vez mais, retorna-se ao conflito entre o ser humano e a Natureza, e aquilo que se evidencia concreto, numa primeira instância, passa a se revelar *escritura humana*.

Mas, a quantidade altera a qualidade, e no seu conjunto, as imagens implicam, ainda, uma situação de *não intenção*. Nada mais é, no seu conjunto, algo feito *para* outra coisa, mas sim *algo em si*.

Outro sector é estabelecido pelo retrato de boa parte da população de Bolognano, em cerca de sessenta fotografias digitais.

Uma população que pertence a um fragmento de *espaço tempo*. O conflito estabelecido pelo próprio tempo e pela sua negação. Tais pessoas, como na experiência de Schrondinger, existem e não mais existem. Estão congeladas em imagens, mas estão lá. Vivas e não vivas.

As imagens são, simultaneamente, a imagem do povo, mas também um trabalho gráfico – estabelecendo um novo conflito.

Esses dois trabalhos convergem para uma instalação digital, realizada na igreja do palácio Durini.

Primeiro, a condição do sagrado. O espaço da igreja é livre, escurecido, numa das paredes são projectadas as imagens digitais dos habitantes. Tais imagens se fundem e se transformam, mantendo sempre os olhos dos personagens fixos numa mesma posição.

Desenvolvemos em nossa percepção visual uma complexa capacidade cognitiva para a percepção das faces humanas! Essa capacidade, verdadeiro instrumental perceptivo, guarda nos olhos uma das suas mais importantes componentes.

Enquanto que, na fusão das faces produzida na instalação digital, os olhos estão praticamente imutáveis, produzindo uma referência estável ao nosso artefacto cognitivo, o restante dos rostos estão em permanente metamorfose.

Tal fenómeno produz um profundo conflito perceptivo que gera uma formidável atracção e um contínuo questionamento não verbal acerca daquilo que apreendemos das imagens.

Uma composição acústica, primeiramente executada pela Banda de Casalincontrada em Bolognano e depois pela Banda de Barberino, no Chianti, no âmbito das actividades da Bienal do Chianti, criou outros limites, outro campo de questionamento.

Os músicos estão dispersos pela antiga aldeia de pedra. Cada partitura foi escrita como uma peça autónoma – são dezenas de peças, portanto. Cabe a cada músico encontrar a sua expressão como um *solo*. Nessa música, o tempo é absolutamente livre – como a condição sagrada que também encontramos na igreja do palácio.

Depois de alguns minutos, os músicos se encontram na praça central. Trata-se de uma música para solistas ou para uma formação de orquestra?

Toda a pequena aldeia toma parte dessa música – que é ouvida em toda a parte. Depois de mais alguns minutos, os músicos passam a tocar uma única nota musical – novo conflito é estabelecido.

Logo, durante cerca de três minutos, faz-se o mais absoluto silêncio.

Onde está a música? Nos sons das pessoas e da Natureza ou naquilo que o compositor escreveu? Mais alguns momentos e um primeiro instrumento começa um solo.

Novo paradoxo.

Logo será um duo. Depois um trio, um quarteto, um quinteto e assim por diante até que os músicos se dispersam pelas vielas do lugar, para desaparecer com os sons.

Não há aplausos, porque não há lugar para eles. Não há um princípio, um meio específico ou um fim determinado, porque tudo dependerá do movimento dos próprios ouvintes.

Da mesma forma, a instalação digital dura um dia, a metamorfose das imagens a cores, abstractas ou não, e das em preto e branco, não obedecem a uma ordem teleológica.

Tudo é sagrado.

Resultante dessa composição acústica, duas peças de música digitais se confrontam durante a instalação na igreja.

Como na execução da peça acústica, o som preenche tudo, com grande intensidade. E toda a aldeia ouve ambas as peças – mas desta vez, emanando da pequena igreja.

Não é mais o som que percorre as vielas, através de músicos que caminham. É o som, criado matematicamente na solidão do compositor que faz vibrar, com as suas baixas frequências, tudo à volta.

Não se pode estar, durante um dia inteiro, em qualquer parte de Bolognano sem sentir a presença daquela misteriosa música.

Há, ainda, um concerto digital electroacústico produzido com alguns sons realizados pelas bandas. Trata-se de uma nova peça, desta vez preparada para ser ouvida como *compact disc*.

Não é a peça acústica, que implica as ruas, os sons das pessoas, o vento. Não. É uma música para ser ouvida em outra circunstância.

Esse material gera um *cd-rom* e um *cd áudio* – mais que memória, são projecções no tempo e no espaço de tudo o que foi realizado, numa nova dimensão.

Surgem, então, os três pequenos textos. Neles, estão as ideias da praça dedicada a Joseph Beuys, o pensamento de Lorenzo de Medici, as ideias que cinco séculos antes permitiram a emergência de Marsilio Ficino, de Michelangelo e de Leonardo da Vinci entre tantos outros.

Voglio Vedere Le Mie Montagne é tudo isso.

Começou em treze de Maio de 1999. Terminou em trinta de Outubro do mesmo ano.

Sempre em Bolognano. Mas também aconteceu na Toscânia, ou em New York onde boa parte do trabalho foi realizado, e estenderá a sua projecção no tempo e no espaço, através das imagens e dos sons, evidenciando uma nova face dessa natureza conflituosa que é a vida.

Um conflito profundamente poético, que poderia ser sintetizado pela ideia da vida.